

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

## EXPOSIÇÕES ORAIS COM FOCO NO GÊNERO SEMINÁRIO

Ediioice Balardini<sup>1</sup>

Cláudia Maris Tullio<sup>2</sup>

### RESUMO:

O presente trabalho aborda a importância do “Projeto de Intervenção Pedagógica” intitulado: “Exposições Oraais com foco no gênero Seminário” realizado no Colégio Estadual Santo Antonio, no 1º semestre do ano de 2017, com a turma do 1º ano B. Procura-se destacar quão importante é a oralidade dentro das práticas languageiras. A pesquisa é bibliográfica centrada em BAKHTIN (2003), Dolz e Schneuwly (2004), MARCUSCHI (2008), POSSENTI (1997), ROJO, MOURA (2012) e documental a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Língua Portuguesa (1998) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa e Literatura (DCES) (2008). O artigo é resultado das atividades realizadas em 49 aulas, nas quais se pretendeu preparar os alunos para a prática da oralidade, visando o aprimoramento linguístico para que estes fossem capazes de transmitir a língua falada nas situações cotidianas e nas de maior formalidade. Nessas aulas, as atividades apresentavam situações nas quais educandos se posicionavam de forma crítica, coerente e sequenciada, ampliando suas capacidades de comunicação e uma maior participação nas práticas letradas a partir de uma linguagem fundamentada na interação; assim, oralidade e escrita sempre serão chaves de inserção social. Faz-se necessário que a escola perceba ser o trabalho com a oralidade em sala de aula mais do que uma necessidade pedagógica, uma necessidade social, pois o sujeito utiliza a língua para interagir com seus pares nas mais diversas situações sócio-comunicativas. Logo, a pesquisa pode ser considerada também como pesquisa ação.

### PALAVRAS-CHAVE:

Oralidade; leitura; língua; gêneros orais; seminários.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Português/Inglês, professora da Rede Pública de ensino desde 2005

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste/Departamento de Letras; doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina; integrante dos Grupos de pesquisa: Diálogos linguísticos e ensino: saberes e práticas - DIALE – UENP; Ensino de Língua e Literatura - UNICENTRO; Interfaces Língua e Literatura - UNICENTRO

## **INTRODUÇÃO:**

Apesar de ser um dos eixos do ensino de Língua Portuguesa previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, infelizmente, a oralidade não tem destaque na escola. O ensino se dá de forma metalinguística, baseado na leitura e na escrita, ficando a oralidade preterida e girando em torno de conversas entre colegas, discussões em grupo e correções orais de tarefas e atividades. Ela é uma prática social, concebida na modalidade falada e presente em inúmeros gêneros textuais. Pretende-se que a escola seja um espaço que promova, por meio de uma gama de gêneros, sejam eles orais ou escritos, o letramento do aluno, para que este se envolva nas mais diversas práticas de uso da língua envolvendo a leitura, a oralidade e a escrita. Os professores, na escola, independente da disciplina que ministram, deveriam promover situações de aprendizagem próximas da realidade social de seus alunos para que estes pudessem vivenciar as situações e aplicar os conhecimentos discursivos e sobre a Língua, os quais adquiriram na escola. Há vários autores que falam da importância de se observar e considerar o conhecimento prévio do aluno e contexto sócio histórico em que se encontra inserido. De acordo com Dolz e Schneuwly, (2004 p. 49) essa atividade é "um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos", mas, para que seja realmente eficiente, é necessário que "estratégias concretas" de intervenção e procedimentos explícitos de avaliação sejam adotados."

Dessa forma, conseguirão argumentar, debater e expor suas opiniões dentro e fora do ambiente escolar.

Atualmente, as DCES de Língua Portuguesa abordam que:

É na escola, mais especificamente na sala de aula que ocorre o amadurecimento do domínio discursivo da oralidade, da leitura e da escrita, de modo a permitir que os alunos consigam compreender e se necessário intervir nas relações com os outros, praticando sua autonomia em relação ao pensamento e as práticas de linguagem as quais são imprescindíveis ao convívio social. (DCES - Língua Portuguesa, 2008, p.65).

Nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais, a escola deveria ensinar ao aluno a utilizar a linguagem oral porque é na interação social entre os indivíduos que a língua mora, logo, precisamos usá-la para que se torne viva, dialógica e nos permita a aproximação com os diferentes gêneros, sejam orais ou escritos.

As DCEs de Língua Portuguesa asseguram ser:

tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade inseri-los nas mais diversas esferas interacionais. Caso a escola não cumpra com seu papel, os alunos ficarão à margem de novos letramentos e não conseguirão participar com eficiência de uma sociedade letrada. (DCEs- Língua Portuguesa, 2008, p.48)

As metodologias para o desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que nos cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social nos fazem refletir sobre o que trabalhar e como trabalhar a Língua Portuguesa.

É comum perceber uma grande dificuldade que nós, professores de Língua Portuguesa, temos em selecionar o que vamos ensinar. Muitas vezes, somos pressionados a lidar com conceitos tradicionais, normativos, uma lista extensa de conteúdos gramaticais deixando a leitura (e também a escrita, a escuta e a fala) de fora do planejamento e das aulas, apesar das prerrogativas determinadas nas diretrizes curriculares e nos PCNs.

Vivenciam-se no dia a dia as dificuldades que os alunos apresentam com relação à exposição oral de seus trabalhos a apresentação de seminários, debates entre outros, dessa maneira, este trabalho buscou contribuir para o crescimento de cada aluno no aprimoramento intelectual, pronúncia, exposição de ideias, argumentação, debates e seminários, incentivando- os a usar a linguagem oral em diferentes situações sociais.

O domínio do gênero oral seminário pode ser aprendido, exercitado e aperfeiçoado de forma didática, em sala de aula, com os alunos e, estes terão a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura: ler com objetivo, fazer inferências, organizar os turnos de fala por meio de esquemas e/ ou palavras - chave, conhecer e fazer uso dos elementos que compõem e estruturam o gênero oral seminário (abertura, introdução, exposição, desenvolvimento, encadeamento dos temas, recapitulação, síntese).

Uma das dificuldades que encontramos na escola, atualmente, é fazer com que os alunos interajam usando a linguagem formal, pois ela requer conhecimentos e formas diferenciadas de trabalho com os alunos em sala de aula.

Quando falamos transmitimos aos outros informações sobre nossa identidade dentro da sociedade (em que região nascemos, se temos sotaque), como

articulamos as palavras, se usamos entonação, qual nosso timbre de voz, enfim, como nos expomos oralmente e, muitas vezes, isso é bastante inibidor para alguns alunos.

O educador deve ser um agente de letramento, porque, dessa maneira, além de ensinar o aluno a ler e escrever para se expressar em eventos de oralidade, o professor contribuirá para incentivar o gosto pela leitura, auxiliando na construção de novos conhecimentos.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (PCN Língua Portuguesa, 1999, p.67).

A partir dessas orientações feitas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, percebe-se que o uso da língua oral deveria aumentar, pois em uma sociedade em que a fala galga espaços maiores, haja vista estar presente em grande parte das relações comunicativas, não cabe mais à escola apenas ensinar o aluno a ler e escrever: é preciso instruí-los a relacionar a língua às suas práticas sociais.

O Colégio Estadual Santo Antonio é uma instituição de natureza pública, mantida pelo Governo do Estado do Paraná. Enquanto entidade de caráter educacional e cultural, tem por escopo a promoção da pessoa, através da educação e da cultura para seu desenvolvimento pessoal; procurando torná-la apta ao exercício consciente de seus direitos e deveres como cidadão. Como instituição pública educacional e cultural, o Colégio manifesta e realiza ações formadoras e transformadoras da sociedade através de seus alunos, dando-lhes condições plenas para o exercício da cidadania. O projeto de educação protagonizado pelos funcionários, professores, equipe pedagógica, direção do Colégio, busca trilhar um caminho dinâmico no qual o direito do aluno seja respeitado.

Levando em conta esta realidade e sabendo o quão importante é a inserção destes indivíduos no mundo (sociedade, de trabalho) para participarem ativamente das práticas sociais com as quais irão se deparar na sociedade letrada justificou-se a execução do projeto voltado ao trabalho com a oralidade e o seu domínio discursivo, tendo como problemática: "Como encaminhar de maneira satisfatória o trabalho com os gêneros orais visando a utilização mais adequada da pronúncia, tom de voz, clareza de ideias durante as exposições (seminários e debates) promovidas em sala de aula?"

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.' (PCN -Língua Portuguesa, 1998, p.67)

Destarte, a ideia de expor os alunos a diversos discursos para que possam encontrar seus caminhos na construção do senso crítico só é possível com atividades que, muitas vezes, nos parecem inócuas, mas que ao final do processo, descortinam novas possibilidades. As perspectivas de trabalhar os gêneros textuais quer sejam orais, quer escritos, nunca se esgotam. Tudo isso é possível quando o professor coordena de forma adequada e planejada e as suas atividades.

O trabalho com os gêneros textuais orais, sempre é deixado de lado nas aulas de Língua Portuguesa, mesmo sendo ele, um dos eixos descritos nos Planos de Trabalho Docentes desta disciplina. É na escola que os alunos precisam praticar a oralidade para poderem interagir em sociedade sabendo defender seus pontos de vida e respeitar os dos outros.

### 1.1 ORALIDADE

A vida dentro de uma sociedade nos permite o conhecimento e o contato com a modalidade linguística oral. Ao nos depararmos com o conhecimento científico, repassado pelas instituições de ensino, passamos a refletir sobre essa modalidade com certo discernimento. Passamos a ser mais eficientes e competentes no momento da comunicação, usamos práticas comunicativas variadas e percebemos que para os alunos é preciso enfatizar que a oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso cotidiano desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportarmos de um modo diferente em cada situação comunicativa. O contexto no qual estamos inseridos determina o tipo de linguagem que devemos utilizar, logo, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização.

A abordagem escolar da oralidade intensificou-se a partir de 1997 com as propostas dos PCNs que incluíam reflexões pedagógicas para desenvolver as habilidades de comunicação oral nas aulas de língua materna: foco na competência comunicativa para que os alunos pudessem perceber os diferentes efeitos de

sentidos e as diferentes amoldamentos da língua às situações comunicativas reais.

Neste contexto, vivenciado na sociedade, não apenas na escola, torna-se necessário abordar a questão da língua oral, cujo objetivo é propiciar ao aluno um conjunto de competências que o torne capaz de conviver na sociedade na qual está inserido, utilizando a língua de acordo com os diferentes usos sociais.

É importante analisar a oralidade nos diferentes contextos sociais. Conforme Marcuschi:” [...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. (MARCUSCHI, 2001, p.25)

É na oralidade, fazendo uso da Língua que acontece a comunicação; o objetivo é que consigamos desenvolver as habilidades linguísticas de falar e de escutar, portanto escutar não significa apenas demonstrar respeito pelo interlocutor, mas também, observar a argumentação, o encadeamento de ideias e até se for necessária uma contra argumentação.

O trabalho com a língua deve levar em conta as práticas linguísticas que o aluno já traz ao ingressar na escola, se esta desconsiderar esse papel, o sujeito ficará a margem de novos letramentos, não conseguindo fazer parte da sociedade letrada, pois “É no processo de interação social que a palavra significa, o ato da fala é de natureza social.”(BAKHTIN,1999, p.109)

A oralidade tem uma série de fatores que a diferenciam da escrita tais como: gestualidade, tom de voz, pausas, velocidade, entonação, fisionomia. “Estudar o texto oral de maneira contextualizada, observando sua organização e complexidade leva o aluno a ter consciência dos traços da oralidade”. (ELIAS, 2013, p.34)

Tudo o que o ser humano constrói culturalmente nasce da necessidade material comunicativa que ele apresenta durante seu existir, assim também é a Língua. Quanto ao papel da escola, o incentivo aos alunos para que adquiram uma produção de discurso oral cada vez mais própria, consciente, refinada, reflexiva de acordo com os diversos contextos que frequentam e para observação de suas práticas orais, ajudariam cada indivíduo do ambiente escolar a melhorar sua performance.

A nossa comunicação é basicamente oral, todos falam, mas poucos têm facilidade para escrever, por conseguinte, de acordo com Marcuschi “O certo é que a oralidade continua na moda.” (2005, p.24) Assim sendo, há consenso de que a

oralidade é algo que permeia e sempre vai permear a vida humana, pois somos seres eminentemente orais, apesar de estarmos inseridos em culturas tidas como amplamente alfabetizadas. Inclusive as sociedades que não têm acesso a tecnologias da escrita e da leitura pautam-se em eventos orais. Por isso é tão importante refletir sobre o lugar da oralidade nos contextos de uso da vida diária.

Desde que acordamos, até a hora de dormir, utilizamos a maior parte do tempo falando e bem pouco dele, escrevendo, dessa forma, percebemos claramente a importância da oralidade; mesmo nos dias atuais em que a escrita tem tanto prestígio e muito valor linguístico, nós continuamos falando bastante e dando maior importância à escrita. (MARCUSCHI, 2005 p.24)

Na sociedade atual, tanto a escrita quanto a oralidade se tornaram ações imprescindíveis, já que são muitos os contextos e condições em que são utilizadas a partir de diferentes demandas sociais. Marcuschi (2005) alerta para o fato de que, além de homens e mulheres não utilizarem a escrita do mesmo modo, esta parece ter se tornado uma fonte de preconceitos em relação à oralidade, por se colocar como algo superior, autônomo e com valores intrínsecos. O ensino da oralidade, em sala de aula, deveria ser uma forma de trazer aos alunos, uma visão da diversidade de dialetos presentes na comunicação oral, tanto dos homens quanto das mulheres.

Dentro do eixo da oralidade, o dialogismo surge na forma como o outro participa, como ele está presente no meu discurso, porque nós mudamos o discurso conforme os sujeitos com os quais interagimos, logo, todo nosso discurso é dialógico, é uma via de mão dupla, pois o sujeito é reflexo e refração da realidade, espelhando e produzindo enquanto ser social.

### Segundo Bakhtin

O outro, no movimento dialógico, não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais; o outro, projeta-se a partir de discursos variados, (passados, atuais, presumidos). Com isso, o outro apresentasse em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá, são as outras vozes discursivas que vem habitar de diferentes formas, o discurso em construção. (BAKHTIN, 1999, p.92).

O trabalho com a oralidade não deve ser feito de vez em quando com os alunos, por ser amplo, nos permite inúmeras possibilidades de trabalho com a modalidade oral e leva o estudante a uma reflexão sobre as interações que ele faz dentro da sociedade, conseguindo medir inclusive seus meios de argumentação e persuasão orais. A linguagem oral é uma das formas mais



comuns e constantes de comunicação humana, afinal, é por meio dela que o homem vai vivendo, aprendendo, interagindo no convívio em sociedade e transmitindo valores ao longo do tempo. É nesse fenômeno de interação social entre os homens que a experiência verbal individual toma forma e evolui.

#### Segundo Marcuschi

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p26)

As aulas de Língua Portuguesa devem ser planejadas considerando os três eixos, leitura, escrita e oralidade, não supervalorizando ou menosprezando nenhum deles. Não somente os PCNs, mas as próprias Diretrizes Estaduais Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa, possuem fundamentação a partir de teóricos como Bakhtin, Marcuschi, Dolz e Schneuwly e Bronckart, os quais concebem a língua numa perspectiva sociointeracionista. O estudo da língua, cuja principal função é a interação social, precisa superar o ensino tradicional, o qual se pautava no estudo das regras gramaticais. Assim, com relação aos gêneros orais trabalhados na escola, o importante é promover atividades que capacitem os alunos a agirem e interajam socialmente, sendo capazes de transitar entre as diversas necessidades comunicativas que nos são naturalmente impostas no dia a dia. Para isso, o professor de LP pode fazer uso de todos aqueles gêneros que promovam a oralidade (teatro, contação de histórias, relatos orais, debates, seminários, júri simulado, oratória, recitação de poema, etc.) nunca com o objetivo único de estabelecer (e julgar) a capacidade de uso gramatical da língua, mas como incentivo ao desenvolvimento da habilidade e proficiência comunicativa numa sociedade que cada vez mais exige a nossa participação e interação.

## 1.2 GÊNEROS TEXTUAIS

Nas aulas de Língua Portuguesa, se dão os processos educativos, nos quais, o estudante tem oportunidade de aprimorar sua competência linguística, garantindo que se inserirá na sociedade de forma crítica. A escola deve oferecer o espaço para que as práticas de linguagem, envolvendo os gêneros textuais, efetivamente

aconteçam e que estes, lhes possibilitem interagir na sociedade, nas mais diferentes circunstâncias de uso da língua, em instâncias públicas e privadas.

se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala; se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, as combinações verbais seriam quase que impossíveis. (BAKHTIN, 1999, p278)

Os gêneros textuais são, dentro da língua, importantíssimos para a construção do conhecimento nas mais diferentes áreas e disciplinas em qualquer lugar e momento, logo, é na escola que o contato com o maior número de gêneros textuais deve acontecer, apesar de estes serem infinitos; portanto, o aluno precisa ser levado a trabalhar com as diversas possibilidades de gênero em todas as modalidades. É dever da escola propiciar a participação dos alunos dentro das diferentes práticas sociais - discursivas que utilizem leitura, escrita e oralidade, para melhor inserção destes junto aos outros, na sociedade.

“O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se consideramos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema”. (MARCUSCHI, 2008, p.147)

Todo texto está inserido em um gênero textual, a escolha desse gênero depende da situação comunicativa ao qual ele pertence, qual sua intenção, quem são seus participantes e em que momento ele é apresentado. Os gêneros são infinitos e estão sempre em constante modificação. Bakhtin (1999, p.279) diz que “(...) a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se (...)”

Cada vez que nos comunicamos, seja de forma oral ou escrita, criamos novos gêneros, assim, eles facilitam a nossa vida na sociedade e fazem com que consigamos interagir dentro de nossa própria língua. Eles são mutáveis, assim como a língua e, se relacionam diretamente com as diversas situações que o cotidiano e a vida nos apresentam.

Os gêneros textuais devem ser um dos objetos de ensino no uso da língua em leitura, produção textual e oralidade, aliás, devem ser em todas as formas de comunicação. Para Marcuschi (2008, p 35) “Gêneros textuais não são frutos invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas”

A competência linguística do educando acontecerá com maior condição e facilidade se lhe for oportunizado conhecer as práticas de leitura e escrita, oralidade e o caráter dinâmico dos gêneros do discurso, estes são os meios pelos quais sempre é possível aprimorar o conhecimento dos alunos, pois, no dia a dia produzem textos com as mais diferentes finalidades e para os mais diversos leitores. Sabe-se que o estudante necessita de um ponto de partida.

Há inúmeros gêneros textuais disponíveis e a cada momento surgem outros que servem de instrumento de comunicação entre os usuários da língua, sabe-se que um mesmo indivíduo pode fazer uso de vários gêneros em um mesmo dia, cada qual com sua finalidade.

### 1.3 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS

Ao trabalhar com gêneros textuais orais, o professor pode permitir que o aluno tenha acesso a uma gama de atividades de linguagem e passe a desenvolver diversas maneiras de comunicar-se usando o gênero expositivo oral.

Os gêneros, especialmente os orais, deveriam ser valorizados como conteúdos didático-pedagógicos de ensino haja vista serem parte do dia a dia dos educandos. Dessa forma, se não separássemos a língua, da vida do aluno, o que ele produzisse tanto oral quanto escrito, teria ligação com os diversos espaços sociais que frequenta, ou seja, ele começaria a adequar a linguagem que usa aos seus interlocutores, sua intencionalidade; por consequência, facilitaria seu modo de posicionar-se frente a sociedade democrática. A escola é pouco desenvolvida no domínio de como desenvolver a linguagem oral. Sistemáticamente, o que se faz é ler em voz alta, formular questões para serem respondidas de forma oral, corrigir exercícios de forma oral, ou seja, uma oralidade baseada em um mero diálogo, que não é ensinada, a não ser em atividades diversas e sem necessidade de uma preparação prévia.

Os gêneros orais se desenvolvem nas interações pelas quais os alunos passam; e essa interação é fundamental para percepção de que estes gêneros são uma manifestação da linguagem, estabelecem várias vezes, relações com a escrita. Um seminário, situação em que conteúdos escolares específicos são oralmente comunicados pelos alunos, exige um planejamento que se apoia em

textos escritos, seja em roteiros, em um texto de que se apropriam ou ainda nos próprios textos a partir dos quais preparam a fala.

Ao trabalhar com gêneros orais, deve-se levar em consideração que o essencial não é trabalhar só os aspectos da fala, mas sim conhecer diversas práticas de linguagem oral tais como entonação, timbre, clareza, recursos argumentativos, turnos de fala, uso da linguagem formal, informal, porque se aprende também com a fala do outro.

Tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio as possibilidades de trabalho com os gêneros orais são diversas e apontam diferentes caminhos, como: apresentação de temas variados (histórias de família, da comunidade, um filme, um livro); depoimentos sobre situações significativas vivenciadas pelo aluno ou pessoas do seu convívio; dramatização; recado; explicação; contação de histórias; declamação de poemas; troca de opiniões; debates; seminários; de notícias; júris-simulados e outras atividades que possibilitem o desenvolvimento da argumentação.

O trabalho com os gêneros orais deve ser consistente visto objetivar o aprimoramento linguístico, bem como a argumentação. As atividades propostas não podem ter como objetivo simplesmente ensinar o aluno a falar, emitindo opiniões ou em conversas com os colegas de sala de aula. É necessário avaliar, juntamente com o falante, por meio da reflexão sobre os usos da linguagem, o conteúdo de sua participação oral. O ato de apenas solicitar que o aluno apresente um seminário não possibilita que ele desenvolva bem o trabalho.

Nas propostas de atividades orais, o aluno refletirá tanto a partir da sua fala quanto da fala do outro, sobre: o conteúdo do texto oral, os elementos que compõe esse texto oral, quais argumentos podem ser utilizados, quais os papéis dos locutores e dos interlocutores durante a apresentação, dentre outros tópicos que são fundamentais nas exposições orais.

#### 1.4 GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO

O gênero textual SEMINÁRIO, se concretiza na oralidade, embora esteja pautado em pesquisas e na escrita. As atividades têm o objetivo de desenvolver a capacidade para compreender e desenvolver um seminário sendo este, uma forma de orientação para o desenvolvimento oral dos estudantes, já que a habilidade de comunicar é um pré-requisito no mundo competitivo. O seminário remete os estudantes a um procedimento

metodológico, que supõe o uso de técnicas para estudo, pesquisa e reflexões dos assuntos, em grupo ou até individualmente, sobre o assunto determinado durante as aulas de Língua Portuguesa. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p36)

Na proposição de um seminário, além de explorar o tema a ser apresentado, é preciso orientar os alunos a respeito do contexto social desse gênero, a postura diante dos colegas, características, sequência das apresentações, tempo de fala, regras de participação do grupo, estudo e pesquisa sobre o tema e planejamento e preparação da apresentação.

É interessante que, quando possível, o ministrante da disciplina grave em vídeo tal atividade para que haja, futuramente, uma avaliação conjunta entre professor/aluno e, também, auto avaliação discente. Num seminário, num debate, numa troca informal de ideias, numa entrevista, num relato de história, as exigências de adequação da fala são diferentes e isso deve ser considerado numa análise da produção oral. Assim, o professor verificará a participação do aluno nos diálogos, relatos e discussões, a clareza que ele mostra ao expor suas ideias, a fluência da sua fala, a argumentação que apresenta ao defender seus pontos de vista. O aluno também deve se posicionar como avaliador de textos orais com os quais convive, como: noticiários, discursos políticos, programas televisivos, e de suas próprias falas, formais ou informais, tendo em vista o resultado. (Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa e Literatura, 2008, p 51)

Quando se faz uma exposição oral, a intenção é transmitir um conteúdo, informar, esclarecer e modificar o conhecimento de quem está ouvindo. A oralidade, portanto, é uma forma de comunicação atualíssima e presente em nossa vida cotidiana.

De acordo com Dolz e Schneuwly, (2004, p.49) essa atividade é "um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos", mas, para que seja realmente eficiente, é necessário que "estratégias concretas de intervenção e procedimentos explícitos de avaliação sejam adotados".

Os autores mencionados enfatizam essas funções do professor porque, mesmo sendo o seminário um dos gêneros orais mais comuns em classe, ele não recebe a atenção devida a um conteúdo de ensino pois, muitas vezes, o docente propõe um tema e pede que se faça um seminário sobre ele, não propõe discussões, troca e compartilhamento de informações sobre o tema. Uma boa apresentação de exposição oral do gênero seminário começa com a introdução; nesta, o discente

especifica o que será tratado, explica as razões de sua escolha, move a atenção e a curiosidade dos ouvintes para si. Quando planeja o que será dito, o apresentador aluno, deve ter registrado em cartazes ou slides o seu tema e tentar prever as atitudes da plateia em relação a sua exposição.

O seminário oferece uma oportunidade favorável para o ensino de algumas práticas letradas importantes tanto para a vida escolar dos estudantes como para o exercício da cidadania numa sociedade cada vez mais complexa. (Valentim, 2013)

Na organização do tempo de fala de cada integrante caso o trabalho expositivo seja realizado em grupo devem ficar claras as regras para a participação de todos os envolvidos e se os ouvintes podem pedir esclarecimentos durante a fala dos colegas ou apenas no fim.

É importante levar em consideração o conhecimento prévio dos ouvintes e o interesse deles durante a apresentação dos seminários. O apresentador/aluno é que deve estar atento a esses tópicos.

Na sociedade que vigora, funciona uma diversa gama de linguagens, mídias, culturas e a escola deve incorporá-los, proporcionando formação para a cidadania, trabalho, vida social; enfim, auxiliando a construir um ser humano crítico, transformador de sua sociedade.

Marcuschi (2008, p.55) nos mostra que “a linguagem oral é bem mais que *aprender a falar*, pois envolve uma série de capacidades, conhecimentos e atitudes.” Estas atitudes são diferentes de acordo com as situações, sejam elas escolares ou extraescolares, pois fazem o educando empregar a variedade linguística adequada; planejar a fala em situações formais; participar das interações, expor opiniões nos debates com os colegas de turma e outras pessoas.

Na sala de aula é função do professor trabalhar com seus alunos formas diferentes, diferentes gêneros que possam ser usadas em determinados momentos, sejam eles de fala ou de escrita; para isso, o professor deve ser um agente de letramento, pois, dessa maneira, além de ensinar o aluno a ler e escrever para se expressar em eventos de oralidade, o professor contribuirá para incentivar o gosto pela leitura, auxiliando dessa forma, novos conhecimentos.

## **METODOLOGIA**

A implementação do projeto intitulado Exposições orais com foco no gênero seminário ocorreu no Col. Est. Santo Antonio, no município de Pinhão, durante os meses de fevereiro a junho e foi dividido em oito unidades, contendo 2 propostas de apresentação. Durante a implementação do projeto, ocorreu concomitantemente o GTR (Grupo de Trabalho em Rede), o qual advindo de inúmeras contribuições por parte dos professores participantes, foi um aliado a este projeto. Considerações de colegas da mesma área, porém de locais e realidades distintas, mostraram o quão importante é o trabalho com os gêneros expositivos orais.

Diante da possibilidade do aprendizado sistemático dos gêneros de modalidade oral, o gênero seminário foi organizado em atividades que variaram em grau de complexidade de acordo com o nível dos alunos.

Na unidade 1, fiz uma conversa e explanei sobre vergonha, timidez, ansiedade, medo de se expor perante o público e comentei que este projeto visa ajudar o educando a "sofrer" um pouco menos na hora das exposições escolares orais ou mesmo até nas extra escolares. Para isso, apresentei vídeos, nos quais as pessoas contam sobre experiências ruins em seu passado. Para inúmeros sujeitos, a razão de sua vergonha ou medo de falar em público se deve à alguma experiência ruim que tiveram no passado. Muitas foram vítimas de chacotas durante uma apresentação ou quando tentaram falar algo na frente de outras pessoas. Existem ainda aqueles que criaram um bloqueio de falar em público por terem presenciado alguém (em geral um amigo) ser humilhado ao falar em público; assim sendo, é compreensível o temor, a vergonha, o encabulo, porém, não se pode passar o resto da vida com medo de algo que aconteceu no passado.

Seguindo, trabalhamos com vídeos que nos mostram haver apenas uma distinção entre oralidade e escrita; escrita é representada por meio de sinais gráficos e oralidade pelo som. A oralidade tem uma série de fatores que a diferenciam da escrita como gestos, tom de voz, pausas, entonação, cacoetes, fisionomia. 'Estudar o texto oral de maneira contextualizada, observando sua organização e complexidade leva o aluno a ter consciência dos traços da oralidade.' (ELIAS, 2013, p.34)

A oralidade acompanha o aluno no momento em que ele entra na escola, mas parece que no decorrer desse tempo escolar é negado ao aluno o direito à palavra e ele nem pode reproduzir os fatos corriqueiros e atos cotidianos de forma oral, apenas escritos.

Na sequência, lancei a proposta 1 que era a divisão da turma em grupos de 4 alunos cada para apresentação de seminário: (os temas seriam decididos conforme o momento vivido em sala de aula)

Os grupos teriam 2 aulas para analisar, estudar, pensar e definir como seria a exposição oral feita por eles. Cada um teria no máximo 20 minutos para sua explanação referente ao tema escolhido. Deixei que formassem os grupos por afinidade.

Os educandos durante suas explanações orais tiveram muita vergonha, preocupação, alguns não conseguiram falar nenhuma palavra, mesmo estando preparados previamente; outros, decoraram suas falas do início ao fim. Não se prepararam com materiais que lhes ajudassem (cartazes, power point...)

Com a prévia autorização dos alunos e de seus responsáveis, em reunião realizada no colégio, com a presença destes, fiz a gravação em vídeo das apresentações.

A escola deve organizar um conjunto de atividades que possibilite ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto. (PCNs, 1998, p.49)

Na unidade 2, assistimos aos vídeos das apresentações feitas na sala e discorreremos sobre os problemas, dificuldades, formas de se posicionar, tom e entonação de voz de cada participante dos grupos, tempo usado, uso de materiais de apoio, transmissão adequada do conteúdo, interação com ouvintes, sequência de fases na exposição (apresentação, introdução ao tema, desenvolvimento, recapitulação, conclusão e encerramento). Todos fizeram anotações, sistematizando de forma escrita. Perceberam que o projeto se justifica pelo fato de melhorarmos nossa habilidade comunicativa oral, aprimorando-a e sendo capazes de transmitir a língua falada nas situações cotidianas, nas de maior formalidade, sabendo posicionar-se de forma crítica, coerente e sequenciada.



Na unidade 3, expliquei a teoria do gênero expositivo oral seminário porque, mesmo sendo oral, o gênero deve ser aprendido; há alguns aspectos próprios dele, além da linguagem falada ( que se utiliza da entonação, acentuação e ritmo) que não podem ser esquecidos tais como aspectos físicos ( dos apresentadores/ falantes e do lugar ), além do conteúdo que está sendo tratado, pois quando se faz uma exposição oral, o papel do apresentador é transmitir um conteúdo, informar, esclarecer e modificar o conhecimento de quem está ouvindo. Caso, ao longo da explanação, os ouvintes tenham dificuldades de interpretar, é necessário que se diga de outra forma, reformule, acrescente exemplos do que já havia apresentado, se faça perguntas para estimular a atenção dos ouvintes e para verificar se os objetivos estão sendo alcançados, ou seja, se todos estão entendendo a exposição. Neste momento de realização da implementação foi propício trabalhar com as fases de um seminário (abertura, exposição ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento do assunto, recapitulação e síntese, conclusão e encerramento)

Durante a unidade 4, o objetivo era visualizar em tempo real uma explanação oral que mostrava as fases, os meios de argumentação, então, fomos ao fórum do município assistir a um júri, o qual se tratava do homicídio de uma senhora idosa, em sua própria propriedade. O júri foi longo, iniciou as 9 horas e finalizou as 19 horas.

É tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade inseri-los nas mais diversas esferas interacionais. (DCES Língua Portuguesa, 2008, p.48)

Os discentes nunca haviam participado de um evento desta natureza e nem conheciam o ambiente. O comportamento deles foi exemplar, assistiram a tudo, fizeram anotações, demonstraram interesse durante todo o transcorrer do processo. No retorno à escola, debatemos como se deu o encadeamento de ideias, de que forma foram apresentadas propostas, decisões, se houve transmissão de conhecimentos, interação. Entenderam que quando é preciso falar publicamente, deve-se observar e refletir que a fala é produzida em diferentes situações comunicativas e, em cada caso, há diferentes propósitos, logo são utilizadas técnicas linguísticas específicas.

Quando assumimos a concepção de linguagem como interação, esta nos permite mostrar a sociedade a existência de uma pluralidade de discursos e, desse modo, trazer o texto, seja ele oral ou escrito, para o centro de todo o processo de Língua Portuguesa. (BAKHTIN,1999, p121)

Na apresentação de seminários, os educandos desenvolvem as habilidades linguísticas de falar e de escutar. E, nesse caso, escutar não significa apenas demonstrar respeito pelo interlocutor, mas também observar a argumentação, o encadeamento de ideias e até apropriar-se da lógica por ele utilizada, se for necessária uma contra argumentação.

A unidade 5 abordou os vícios na comunicação e com os vídeos de Reinaldo Polito, alunos notaram quão desagradáveis, principalmente no discurso oral, eles são, afinal, se destacam, muitas vezes irritam, quem ouve, aparecem com frequência, de maneira automática e fora de contexto na hora das explicações. Na falta de uma boa retórica, de bons argumentos, o falante opta por usar termos esvaziados de significação para melhorar seu discurso, porém, nem sempre os cacoetes aparecem de forma intencional. Em muitos casos, eles expressam apenas uma necessidade de autocorreção, autoafirmação, por parte do falante.

Os discentes perceberam que usam muitos cacoetes quando do uso da linguagem oral e, a partir deste estudo podem ter mais cuidado quando estiverem usando a norma formal da língua em suas exposições orais, haja vista terem compreendido existir na língua, variedades, dentre elas a coloquial e a padrão; que ambas têm a finalidade de comunicar, e são instrumentos de sociabilidade e expressão, sendo imprescindível observar que para cada situação de interação comunicativa uma delas é mais adequada. Daí, a importância de conhecer e se possível, ser poliglota dentro de sua própria língua, ou seja, compreender as diversas formas de comunicação das quais os falantes fazem uso, afinal, somos donos do nosso idioma e nossos atos de fala é que devem transformar e melhorar a língua portuguesa porque sem o falante, a língua não existe.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (PCNs 1999, p.67)

Na unidade 6, foi trabalhada a obra cinematográfica "O Discurso do rei( The King's Speech)", um filme britânico de 2010 escrito por David Seidler, dirigido por

Tom Hooper e estrelado por Colin Firth, Geoffrey Rush e Helena Bonham ganhador de quatro oscars, tem sua temática centrada na oralidade e traz a reflexão de que a linguagem é e sempre será um meio de interação, uma troca, um compartilhamento de ideias; cada indivíduo consegue expressar suas emoções, vontades, sentimentos com as palavras que pertencem ao seu vocabulário e com sua forma de pensar sobre elas e sobre si mesmo. A autoconfiança nos permite enfrentar os desafios que a vida nos apresentar. A oralidade, enquanto forma de comunicação está presente em nossa vida cotidiana e, seguindo algumas normas da língua, a comunicação consegue ser efetivada.

Segundo Bakhtin “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes”. (BAKHTIN, 1999, P. 124)

Nesta unidade, os educandos perceberam que cada indivíduo faz uso da língua conforme sua vontade e que ninguém precisa falar exatamente igual ao outro para ser compreendido. Ela é uma atividade livre, viva, criadora.

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (PCN–Língua Portuguesa: 2001, p.12).

O preconceito que impera na sociedade no que tange aos dialetos precisa ser desmistificado pela escola, havendo assim, respeito à diferença; porque não existe uma forma apenas de falar, nem todas as falas serão semelhantes à escrita, a fala do aluno não precisa ser “consertada” a menos que não haja comunicação entre ele e o interlocutor. Esse assunto foi o tema gerador na unidade 7, haja vista não haver razões para desvalorizar o falar do aluno porque a língua tem características que lhe são peculiares, ela é concreta e simplificada e os interlocutores tem mais facilidade para se entenderem. Esse momento oportunizou possibilidades para desnudar esse tipo de preconceito. Apresentei aos educandos os poemas: Vício na fala e Pronominais (Oswald de Andrade), Poema de Cordel (Patativa do Assaré) para que os discentes ao perceberem o uso da linguagem oral dentro dos poemas, notassem se compreendiam as diferenças entre oralidade e escrita e se percebiam o quanto a fala é importante para a nossa comunicação.

Existem variações na língua porque a língua é um fato social e não porque as pessoas são ignorantes como acreditam alguns; a língua situa-se em tempo e espaço concretos e transforma-se conforme estes mudam, ela não é imutável. A escola e o professor devem desenvolver um trabalho com a oralidade que possibilite ao aluno conhecer e utilizar a variedade padrão e o uso dela dentro dos diferentes contextos sociais. “A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal e social dos locutores”. (BAKHTIN 1999, p.127)

Na finalização do projeto, os alunos puderam colocar em prática tudo o que aprenderam durante as 49 aulas de implementação. Na proposta 2, apresentaram um novo seminário, dividiram-se em oito grupos e os temas escolhidos foram variados, sempre levando em considerações, os que fossem pertinentes ao momento. Foram eles: **Maioridade penal, Relacionamentos: a idade faz diferença? Idosos: direitos? Legalização ou não do aborto, Tipos de famílias, Reforma da Previdência, Preconceito, Cyberbullying**. A dinâmica seguiu com os mesmos componentes da primeira proposta, mas dessa vez, com todo o aporte teórico- metodológico que tiveram acesso no transcorrer deste. A diferença entre a primeira proposta e esta foi imensurável.

Educandos estudaram seus temas, estavam mais confiantes, cuidando com as falas para não incorrer em cacoetes linguísticos, tinham em mãos um esquema de orientação para que não se perdessem nas falas, apresentaram timbre de voz e entonação adequados, organizaram uma sequência de explanações, atentaram para o tempo de fala de cada participante e para as regras de participação de todos, no grupo. O interesse por parte dos educandos no transcorrer do projeto de implementação, principalmente nas exposições durante a segunda proposta de seminário foi surpreendente, ficou perceptível que a maioria deles se envolveram, estavam mais maduros, conscientes, responsáveis e acima de tudo mais críticos e conseguiram se desinibir gradativamente.

O projeto desenvolvido foi de grande valia para despertar a motivação dos gêneros expositivos orais que necessitem fazer, independente da disciplina que seja.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, procurou-se buscar uma forma de dar encaminhamento às aulas de Língua Portuguesa no que tange a exposição oral, quando na apresentação de seminários. Os alunos foram convidados a interagir, por meio da fala e da escuta, usando este gênero expositivo oral, o qual oferece oportunidades para a prática do letramento na vida escolar e no exercício da cidadania. As aulas aconteceram com atividades de linguagem, desenvolvidas de forma individual e coletiva em duas etapas: a primeira, como sondagem, por meio de um questionário com respostas objetivas e a segunda, na pós implementação (em forma de gravação de vídeo das apresentações) e discussão em sala para averiguação da compreensão do tema proposto.

A proposta, ao final da Implementação, foi a apresentação de seminários, pensando que os alunos desenvolveriam as habilidades linguísticas de falar e de escutar. E, nesse caso, escutar não significa apenas demonstrar respeito pelo interlocutor, mas também observar a linguagem (formal ou informal), o encadeamento de ideias e até a apropriação da lógica por eles utilizada.

O percurso desta caminhada foi longo, dificultoso, mas serviu de base para entender os motivos que levam os alunos a sentirem timidez quando necessitam fazer exposições orais.

Os gêneros orais devem fazer parte do cotidiano das aulas de Língua Portuguesa, uma vez que o ato de comunicar-se é inerente ao ser humano. Não qualquer ato de comunicar-se, mas aquele em que o falante tenha o controle da comunicação inserida em um determinado contexto (às vezes, exigindo mais formalidade e convencionalidade, às vezes não). Esse controle levará o falante ao exercício cada vez mais efetivo da cidadania, pois a "força que o moverá será a autonomia linguístico- intelectual que deve ser conquistada ao longo dos anos de estudo na educação básica." (PCN, 1998 p.68)

Certamente a fala é mais usada que a escrita no dia a dia, logo, oralidade na escola não é ensinar a fala cotidiana, precisamos envolver a linguagem formal. Por isso, como qualquer outro conteúdo curricular, deve ser ensinada na escola de forma planejada e sistematizada. Infelizmente, na educação atual a reflexão sobre a fala se restringe ao período de alfabetização. A preocupação com o desenvolvimento da oralidade dos alunos é muitas vezes deixada de lado nas séries seguintes do Ensino Fundamental e Médio. Mas precisa ser retomada. A oralidade permite criar em sala de aula, alunos letrados, críticos, cientes de suas opiniões; por

isso, ela deve ser trabalhada com a mesma ênfase da escrita, haja vista ambas terem papel importante na sociedade. Porém, ainda há dificuldades de inseri-la no sistema formal de ensino e, principalmente, no contexto da sala de aula.

O eixo da oralidade é muito importante e pode ser trabalhado a partir dos gêneros enfatizando os elementos da comunicação de maneira que o aluno perceba que para cada situação existe uma forma de conduzir as palavras, respeitando o momento, os interlocutores, a mensagem e o canal utilizado. O nosso papel de docentes é exatamente ampliar o horizonte de expectativas dos alunos quanto ao discurso da prática social, considerando que falar e pensar não se aprende sozinho, mas na interação com outros, compilando diversos textos que abarquem o conteúdo temático, os elementos composicionais, vozes presentes no texto, a intenção do locutor e as demais características que crescem dentro da oralidade e da escrita.

É muito importante também, levar os alunos a entenderem que língua escrita e língua falada não são o mesmo fenômeno e que devem, portanto, ter momentos separados de ensino. O fato de que escrita e oralidade dispõem do mesmo sistema de signos linguísticos não significa que ambas sejam de natureza semelhante. Aprende-se a falar, falando e, a escrever, escrevendo. Não quero dizer com isso que devemos separar as aulas de oralidade e as de escrita, afinal as duas constituem eixos da Língua Portuguesa; precisamos levar os alunos a compreenderem que embora distintas, elas se completam.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso: In **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 2003

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara .9ª ed. Hucitec. São Paulo, 1999

BRASIL. Secretaria de educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais(PCNs)**.Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Secretaria De Educação Fundamental Brasília: Brasília. MEC/SFE/SEESP, 1998

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização por Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura.1ª Ed.Contexto. São Paulo, 2013

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. ed. Cortez. São Paulo, 2001

\_\_\_\_\_ **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 6ª ed. Cortez. São Paulo, 2005

\_\_\_\_\_ DIONISIO, Angela Paiva. Guia Didático: **Fala e escrita**.1ªedição.1ª reimpressão.Autêntica. Belo Horizonte, 2007

\_\_\_\_\_ **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**.São Paulo, Parábola Editorial, 2008

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Básica. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Língua Portuguesa e Literatura. Curitiba: SEED, 2008

VALENTIM, Marta. Apresentação de seminário. Disponível em: [www.valentim.pro.br](http://www.valentim.pro.br) Acesso em 01 set 2017